

O PENTATEUCO

A palavra grega *teucos* significa ferramentas em geral como, por exemplo, remos e velas dos barcos, daí também vasilha, caixa, volume e até rolo de papiro ou livro. Assim, *pentateuco* significa cinco volumes, rolos ou livros. É a chamada Lei de Moisés, o fundamento da religião e do povo judeu. Assim, pela Bíblia inteira o número 5 sempre vai lembrar o Pentateuco e o povo judeu. Na prática tem o mesmo significado do número 12, que lembra as 12 tribos do mesmo povo.

No capítulo 8 do Evangelho de Marcos (vv. 14-21) os discípulos só levam com eles um pão. Quem será esse pão, esse alimento único? Os discípulos, porém, estão mais preocupados com a comida mesmo. Jesus, então, lhes diz: Quando reparti 5 pães para 5 mil, quantos cestos de sobras vocês recolheram? – 12! responderam os discípulos. Jesus continuou: E quando reparti 7 pães para 4 mil, quantos cestos vocês recolheram? -7! Disseram os discípulos. E Jesus concluiu: E vocês não entenderam? 7 lembra as 70 nações além do povo judeu, 4 lembra os quatro ventos ou quatro cantos do mundo: norte, sul, leste, oeste.

Por que será que a Torá ou Lei de Moisés ficou dividida em cinco livros ou rolos? Será por causa do tamanho? Os livros daquela época não eram iguais aos nossos, uma folha em cima da outra; eram uma página ao lado da outra, numa faixa feita geralmente de couro de carneiro ou de cordeiro, chamada pergaminho, se não, feita de papiro, planta do brejo semelhante à nossa taboa, amassada, seca e emendada, a bisavó do papel.

Qual o comprimento de uma faixa dessas onde estariam os textos dos cinco rolos ou livros? Alguém já calculou. Jean Louis Ska, professor de antigo Testamento no Pontifício Instituto Bíblico diz em seu livro *Introdução à Leitura do Pentateuco* que seriam necessários cerca de trinta e três metros de faixa. Seria muito pouco prático. Mais prática é a divisão em cinco livros ou rolos, cada um de, mais ou menos, seis ou sete metros de faixa.

A divisão em cinco livros não depende somente do motivo prático. Cada livro tem um papel diferente na Torá ou instrução do povo de Israel e, por isso, tem uma marca diferente. Todos eles são semelhantes a uma colcha de retalhos, costurando histórias populares mais antigas ou mais recentes e leis novas ou repetidas para identificar e orientar a caminhada do Povo de Deus desde as origens até agora.

Segundo a arqueologia, o nascedouro dessas histórias é a situação concreta do povo da roça, pobre e explorado pelas cidades, comandadas pelo poderoso Egito. Em 1887, há 135 anos, portanto, foram encontradas no Egito centenas de tabuletas de barro com escrita em forma de cunhas. Eram cartas dos pequenos “reis” das cidades de Canaã, dirigidas a seu soberano o rei do Egito, suplicando ajuda para se livrarem dos *hapirus*, escravos rebeldes que brigavam para se livrar da escravidão e eram já uma ameaça aos “reis” das cidades. Era por volta de 1.300 anos antes da era cristã.

O primeiro sinal de identidade dos hebreus (*hapirus*) era o fato de estarem sendo escravizados e de se rebelarem contra isso. Faltava ainda a consciência de terem uma origem familiar comum. Uma pedra comemorativa, uma “estela” do faraó Merneptá, de cerca de 1.200 anos antes da era cristã, encontrada na área central de Canaã fala de um grupo chamado Israel e diz que ele está se acabando. Era importante, então, descobrir os laços familiares dos oprimidos daquele tempo chamados de *hapirus* que, assim, poderiam unir melhor todos eles.

Depois da dispersão das tribos de Israel, do reino norte, pelos Assírios em 722 AEC depois do exílio da elite de Judá para a Babilônia e do retorno que agora (500-450

AEC) acontecia, era indispensável recolher, então, retalhos antigos e costurá-los entre si para construir a origem familiar comum de todos os hebreus ou *hapirus*. Isso foi feito, especialmente pelos sacerdotes repatriados, no primeiro dos livros do Pentateuco.

O **Gênesis** não tem linha de pensamento, uma só interpretação do significado da origem do mundo e do ser humano. Já as duas histórias das origens, a criação do universo em seis dias (Gn 1,1-2,3) e criação do ser humano da argila do solo, do paraíso e do pecado (Gn 2,4-3,24) mostram duas visões diferentes do universo e da humanidade. A criação do mundo em seis dias é um poema que repete com frequência o refrão: “e Deus viu que era bom!”, enquanto a história do homem de barro, do Eden e da cobiça de ser igual a Deus já é bem menos otimista e termina com a expulsão do paraíso. Já reflete a história do povo, arrancado de sua terra e levado para o cativeiro da Babilônia.

Teorias foram criadas para tentar explicar isso: tradições de origens diferentes, documentos ou fontes escritas, costuradas umas às outras. Algumas explicações fizeram sucesso por algum tempo, mas hoje já não merecem a confiança dos mais entendidos. Nem vamos falar delas. Relembrando o n. 19 da *Verbum Domini*, a Bíblia não está minimamente preocupada com a verdade histórica dos retalhos ou farrapos de histórias que recolhe e costura. Ela quer mostrar apenas Deus presente naquele tempo e hoje na nossa história.

O livro do Gênesis traça um roteiro que vai da criação do universo até a origem familiar comum dos hebreus (*hapirus*). Começa com as histórias da criação e segue, em geral, pela linha menos otimista, a linha do pecado, a linha da cobiça que governa a mente humana. A cobiça faz com que o irmão mais forte, agricultor, cujo nome, Caim, já lembra a pancada da marreta na bigorna, mate o frágil irmão mais novo, criador de ovelhas, cujo nome, Abel, se liga à ideia de fraqueza, sopro vazio, futilidade, ilusão.

Seguem-se outros retalhos ou farrapos que vão revelando o crescimento do domínio da cobiça na humanidade até a necessidade de um recomeço a partir do Dilúvio. É claramente notável na história do Dilúvio a utilização de tradições diferentes com detalhes diferentes umas das outras. Não será perda de tempo tentar identificá-las e separá-las?

Depois do dilúvio acontece a invenção do vinho, a nudez de Noé e a reação diferente dos filhos, que prepara o destaque a ser dado a Sem, onde começa o afunilamento das gerações que, passando pela torre de Babel, pela divisão das línguas e a dispersão da humanidade pelo mundo, chega a Abraão. Esse será a principal referência da origem familiar única dos hebreus (*hapirus*).

Retalhos maiores ou menores de tradições mais antigas ou mais recentes são recolhidos e costurados de modo a justificar a origem familiar comum dos hebreus e de seus vizinhos, amigos, concorrentes ou até inimigos, mas parentes todos. Assim já Abraão se separa de Ló, seu sobrinho, patriarca de nações vizinhas. Abraão tem um filho com Agar, a escrava de Sara; é Ismael, patriarca dos árabes, até hoje inimigos de morte dos hebreus. Isaque é o filho da mulher livre, é o filho prometido e garantido por Deus. Para se casar com ele só pode ser alguém da família e Abraão manda buscar essa noiva nem que seja de longe, do lugar onde ainda moram seus parentes.

Esses retalhos parecem ser de tradições da região sul da Palestina, do reino de Judá. Alguns são reproduzidos mais de uma vez nas histórias de Abraão e de Isaque.

Esau e Jacó são apresentados como filhos de Isaque, embora as tradições ou retalhos incorporados no livro do Gênesis pareçam ser da Palestina central e norte. Já a

estela de Meneptá, lembrada mais acima, falava de um grupo chamado Israel, outro nome de Jacó, encontrado também nessa região. São fartas as histórias de Jacó ou Israel, pai das doze tribos. Muitas são bem conhecidas como a ida de Jacó a Padã-Aram à casa de seu tio Labão em busca de uma ou mais primas para se casar com elas. É, sem dúvida, um retalho mais longo, característico da astúcia de Jacó, mas que colabora para ilustrar a origem familiar comum dos hebreus (*hapirus*).

Outro exemplo de retalho maior a gente encontra na novela de José do Egito. É tão longa, a ponto de outras pequenas histórias ou retalhos interromperem por um pouco a novela. O herói da novela, o mais destacado membro da família, parece ensinar ao faraó como se aproveitar de uma situação de crise e falta de alimentos para lucrar mais e escravizar a população toda.

Outra questão que merece ser observada em todo o livro do Gênesis são os nomes de Deus ou das divindades cultuadas. Até há pouco tempo YHWH ou Javé era considerado o nome mais antigo, de modo que os retalhos ou tradições onde Deus é Javé deveriam ser considerados mais antigos. Hoje isso não é tão claro.

El era considerado o Deus Supremo de Canaã. Era El Elyon, o Deus altíssimo; El Caná, o Deus ciumento, El Shaday, o Deus poderoso (?); El Olam, o Deus Eterno; ou, simplesmente, haEl, o Deus. Essas expressões podem revelar um retalho mais antigo. Os nomes próprios terminados em -el como Betel, Israel, Ismael lembram o Deus Supremo ou quando a palavra El ou Elohim já se tinha tornado o substantivo comum Deus para se referir à divindade.

Javé ou o tetragrama sagrado YHWH é o nome próprio do Deus de Israel. Numa época mais recente esse nome deixou de ser pronunciado. Conhecer o nome próprio de uma pessoa mostra certa intimidade com essa pessoa e te dá até um certo poder sobre ela, mas isso não se pode fazer com uma autoridade. Foi por isso que nos últimos séculos antes da era cristã já não se pronunciava esse Nome e as próprias cópias da Bíblia Hebraica sugeriam que onde estava escrito YHWH se lesse Adonay, Senhor. Para nós hoje ficou apenas a dúvida de como eles, de fato, pronunciavam o Nome das quatro letras: Yahwé, Javé, Jeová ou Yahuh, como está no nome do ex-Primeiro-Ministro de Israel, Netanyahu, “Presente de Yahuh”. Na Bíblia hebraica, essa terminação em “yahu” é encontrada em grande número de nomes próprios de personagens como Isaías, Jeremias, Abdias etc.

Aqui chegamos ao livro do **Êxodo**, que logo no capítulo 3 traz a revelação do Nome e seu significado. Não se trata de uma explicação científica de gramática histórica da origem da palavra YHWH, trata-se do significado que a Escritura dá a esse Nome. O texto liga-o ao verbo *hayah*. Este verbo significa acontecer como na primeira frase do livro de Rute: “E aconteceu”. Assim, YHWH é o Deus que acontece, o Deus histórico, que está presente, que está junto. É o Deus que escuta o clamor do povo escravizado, vê o seu sofrimento e desce para libertá-lo. É o Deus que está presente ao lado do povo sofredor, que diz “Sou eu!”.

O livro do **Êxodo** responde a algumas perguntas: Como escapar da opressão? Quais os mecanismos que mantêm o povo escravo? São: fazer trabalhar sem parar, não dar descanso, não permitir celebrar nem pensar. Como tirar o opressor da cabeça do oprimido que diz: “Pelo menos...” ou “É melhor pingar do que secar”? Com quem o povo tem o compromisso de uma aliança? Quem é o soberano que manda no povo, é o faraó ou é YHWH? Quem orienta os caminhos do povo? Quem cuida da alimentação do povo? Quem fornece água no deserto para matar a sede do povo? Como o povo deve se

organizar para não recair no modelo da opressão, a autoridade concentrada apenas em uma pessoa, que pode tornar-se absoluta?

Essas e outras histórias significativas podemos encontrar nesse livro que recolheu retalhos de velhas e de mais recentes tradições para ilustrar a caminhada de YHWH com o seu povo, que, pouco a pouco, ele livra do modelo escravagista do Egito e prepara para se organizar como sociedade de iguais e verdadeiros irmãos. Isso pode ser percebido claramente em cada história incorporada ao livro.

Começa com o receio dos Senhores pelo aumento exagerado do número dos escravos. Aliás os Senhores sempre sabem que é muito frágil o domínio que têm sobre os escravos e qualquer ameaça, por menor que seja, sempre deve ser abafada decisiva e prontamente. É o que faz o Egito. Mas Moisés, o grande herói desse livro e considerado o inspirador e autor mesmo de todo o Pentateuco, escapa da morte decretada para os meninos judeus recém-nascidos e é criado no palácio do faraó. Isso foi feito com muitas estratégias, única arma dos fracos,

Já adulto, da primeira vez que sai, vê um hebreu sendo humilhado pelo capataz egípcio. Para defender seu irmão, ele mata o egípcio. Pouco depois, porém, tem que fugir, pois seus irmãos hebreus são os primeiros a denunciá-lo. Foge para a região vizinha onde se casa e fica trabalhando para seu sogro. É então que vai ao monte Sinai ou Horeb e aí vê a presença de Deus numa moita em chamas que não se queima. YHWH, Javé ou Yahuh lhe revela, então, o significado do seu nome: Presente! Sou eu! Estou aqui! Ouvi o clamor do meu povo, vi seu sofrimento e desci para livrá-lo das mãos dos Egípcios.

É YHWH que quer libertar o seu povo, mas encontra muitas resistências, desde Moisés até o faraó. Moisés aos poucos assume a missão de libertar e conduzir o povo, o faraó, porém, vai se mostrando cada vez mais duro. Isso faz parte do plano de YHWH, pois a disputa é para ver quem é mais forte, quem é capaz de dobrar a resistência do outro poderoso, qual dos dois vai mandar nesse povo. As pragas do Egito são o campo dessa batalha e a passagem do mar vermelho, com a costura de diferentes versões, marca a vitória final de YHWH. A Ceia Pascal e a semana dos pães sem fermento celebram essa vitória.

O livro continua na caminhada de YHWH com o seu povo. Agora é ele quem cuida da fome e da sede do povo e ainda o livra dos ataques dos inimigos, a história do maná (que é isso?) ensina a austeridade que possibilita que o alimento seja suficiente para todos e o sogro de Moisés lhe ensina a dividir as responsabilidades na organização do povo.

O trecho do capítulo 19,1 ao 24,11 é o mais importante do livro do Êxodo, trata da Aliança entre YHWH e o povo, é ela que vai dar o fundamento “jurídico” ao bando de hebreus que escapou do domínio do faraó mas ainda é um bando sem identidade e sem compromisso, sem dono. Na proposta da Aliança (Ex 19,4-6) o bando não é mais bando, tem um dono que é Deus, é uma gente santa, separada diferente das outras, governada por sacerdotes.

Como nas velhas alianças daquele mundo, a base de tudo é uma estipulação geral como era: “Serás amigo dos meus amigos e inimigo dos meus inimigos”. Aqui é “Vocês serão o meu povo e eu serei o Deus de vocês” inúmeras vezes repetido. Em seguida vêm as estipulações particulares ou os outros mandamentos: Não fazer imagens, Não usar o nome de Deus por futilidades etc. As leis, desenvolvidas no livro do

Levítico, é que fazem do antigo bando um povo santo, separado, diferente dos outros, que não têm uma lei tão perfeita e tão detalhada.

A Aliança é concluída no Cap. 24 com um ritual de sangue, derramado em parte sobre o altar e a outra metade aspergida sobre o povo; é um compromisso que vai até à morte.

Logo em seguida, acompanhado apenas de Josué, Moisés sobe à montanha ao encontro de YHWH e ali fica 40 dias. O livro passa a relatar as instruções para a construção do Santuário. Sentindo-se órfão, o povo exige que Aarão lhe faça uma imagem de Deus. Ele faz de ouro um bezerro ou novilho, um tourinho de cerca de três anos, iniciando a idade reprodutiva. Era a montaria de Baal, deus de Canaã, o deus da fertilidade. Moisés quebra, então, as duas tábuas de pedra com as leis da Aliança escritas com o dedo de Deus.

Moisés volta à montanha para estar com YHWH e insistir com ele para perdoar o pecado do povo e renovar a Aliança e YHWH, então, se revela um Deus misericordioso, um coração de mãe (cheio de úteros maternos). Este é o soberano que vai caminhar com o povo, morando na Tenda do Encontro, não é mais o faraó opressor e explorador. A consagração deste Santuário encerra o livro do Êxodo.

O livro do **Levítico**, como já foi dito coleciona as leis que fazem daquele bando um povo santo, separado, diferente dos outros. Muitos tentam encontrar uma organização nessas leis, mas a mentalidade dos que as colecionaram é outra e sua lógica também será outra.

A observância das leis é que faz o povo santo. Aí mora o perigo do fundamentalismo, achar que a lei é absoluta, que ela sozinha resolve tudo. Basta uma leitura atenta dessas leis e mesmo de outras que não fazem parte dessa coleção, para uma pessoa de bom senso perceber suas incoerências ou impraticabilidades. Os escritos do Apóstolo Paulo e os Evangelhos condenam totalmente esse fundamentalismo, que ainda era reforçado pela Lei Oral, os 603 mandamentos que só se poderiam transmitir oralmente, não poderiam ser escritos. É o caso, p. ex., de Jo 9, quando dizem que Jesus é pecador porque, no sábado, amassou o barro da sua saliva com a poeira do chão, ação proibida no sábado pela Lei Oral; ou que os discípulos estão pecando porque, caminhando por uma lavoura de trigo já maduro e seco, derrubam alguns cachos ou grãos, pois é proibido colher no sábado.

O livro dos **Números** chama a atenção pela organização do povo e pelos recenseamentos, por isso a tradução grega lhe deu o título de Números. É uma continuação do livro do Êxodo, responde à pergunta: como caminhar com YHWH até a terra prometida? A presença de YHWH na Tenda do Testemunho ou do Encontro guia o povo. Começa no Sinai ou Horeb e deixa o povo na planície de Moab. Começa com recenseamentos e chega ao fim (C 26) com outro recenseamento e a partilha das terras da Transjordânia. Repete alguns episódios e algumas leis, talvez corrigindo-as, e acrescenta outras para complementar.

Nesses quatro livros (Gn, Ex, Lv e Nm) é muito clara a influência da redação dos sacerdotes de Judá que haviam retornado do cativeiro da Babilônia e, ao mesmo tempo, o modelo da colcha de retalhos, quando algumas tradições, orais ou escritas e mais ou menos antigas, são incorporadas ao texto.

O livro do **Deuteronômio** já tem um perfil diferente. Um entendimento comum entre os estudiosos diz que o núcleo principal desse livro (Caps. 12 a 26) foi levado de Israel para Judá, propriamente para Jerusalém, pelos sacerdotes levíticos, por ocasião da

destruição de Samaria (722 AEC)¹. O “Livro da Lei” encontrado no Templo de Jerusalém (2Rs 22,8) terá sido esse núcleo inicial do Deuteronômio? Não há um parecer único. Terá sido mandado colocar lá por ordem de Josias ou foi acaso? Também não há consenso.

O **Deuteronômio** se apresenta como uma fala única de Moisés, na planície de Moab e termina quando ele sobe ao monte ou serra chamada Nebo, exatamente ao pico chamado Fasga, de onde vê toda a terra prometida antes de morrer.

O Deuteronômio tem algumas linhas de pensamento que percorrem todo o livro e ainda marcam a chamada Obra Histórica Deuteronomista: Josué, Juízes, 1Samuel, 2Samuel, 1Reis e 2Reis.

YHWH é o único Deus de Israel, outro não há nem pode haver. O fundamento de tudo é a Aliança que ele fez com o povo no monte Horeb² renovada agora na planície de Moab. Essa Aliança é a chave de interpretação de toda a história do povo, a felicidade ou o sofrimento se explicam pela fidelidade ou infidelidade a essa Aliança, especialmente ao “Não terás outros deuses diante de mim”. Os diversos itens do contrato ou aliança: Nome, prólogo histórico, estipulação geral, estipulações particulares como os Mandamentos e outras leis, bênçãos e maldições estão fortemente presentes no Deuteronômio. *Hoje*, o povo já no cativeiro da Babilônia, é também um pensamento frequente do Deuteronômio e a *volta* para a Terra só se dará pela *volta* a YHWH.

Se YHWH é único, único também deve ser o lugar por ele escolhido onde deverá ser cultuado. Esse pensamento está fortemente presente desde o capítulo 12, o primeiro do núcleo original do Livro. Lido em Judá na época de Josias, a centralização do culto em Jerusalém será o mais fundamental apoio para a centralização do poder.

1 Os sacerdotes de Israel se consideravam descendentes do Patriarca Levi, por isso levíticos, enquanto os de Judá seriam especificamente descendentes de Aarão ou aarônicos, também filhos da tribo de Levi.

2 O Deuteronômio chama de Horeb o mesmo Sinai do livro do êxodo, de redação sacerdotal.